

Autor:
Adriana Marcolini
Área do Conhecimento:
História Contemporânea
Área Específica:
Antiga Iugoslávia
Ano:
2005
Publicação:

Centro de Descontaminação Cultural combate o nacionalismo e a intolerância na Sérvia

Instituição fundada em 1994 desponta como um baluarte da tolerância e da convivência étnica na antiga Iugoslávia

Adriana Marcolini
de Belgrado



Fotografia de Adriana Marcolini

O Centro de Descontaminação Cultural (CDC) foi fundado em 1994 em Belgrado, para combater os efeitos nocivos do governo do ex-presidente iugoslavo Slobodan Milosevic no mundo da cultura e fortalecer a resistência da sociedade civil. O trabalho desenvolvido pela instituição contra o nacionalismo, a xenofobia, a intolerância e o ódio é atualmente uma referência na Sérvia e em toda a antiga Iugoslávia. Mais de 2 mil eventos, entre exposições, peças teatrais, debates e conferências

já foram promovidos desde o início das atividades. A sede do CDC em Belgrado conta com uma sala para conferências, um auditório, um estúdio de dança, escritórios, um café e uma área ao ar livre. Envolve, o local acolhe com um abraço fraterno todos aqueles que buscam uma alternativa à cultura xenófoba de cunho nacionalista. A dramaturga Borka Pavcevic, incansável defensora dos valores democráticos e da sociedade multiétnica, foi uma das fundadoras do Centro e atualmente é a diretora. Nesta entrevista ao Laboratório de Estudos da Intolerância, ela descreve a situação que culminou na criação do CDC, comenta sobre as guerras que resultaram na dissolução da Iugoslávia e lamenta a dissolução de seu país. Leia abaixo o primeiro trecho da entrevista:

Pergunta: Por que a senhora escolheu o termo ‘descontaminação’?

Resposta: Este nome foi escolhido depois de longas discussões, na época em que a guerra na ex-Iugoslávia estava na agenda. Foi depois do bombardeio de Dubrovnik, na Croácia, uma das mais lindas cidades do mundo. Era o terceiro ano do cerco a Sarajevo e, lógico, as minas estavam por todos os lados. Então, nesse contexto, quisemos dar o nome de descontaminação ao nosso trabalho. No entanto, como estamos trabalhando com arte e cultura, nossa mais importante posição foi lidar com o discurso intelectual, ideológico, de ódio, o discurso de lixo nacionalista que estava ao nosso redor. A guerra era também uma consequência da contaminação feita pelas palavras, pela propaganda, por entrevistas, fotografias, preconceitos, mitos, pela falsa interpretação ou re-interpretção da história, por emoções étnicas e religiosas com objetivos políticos a fim de destruir e separar as pessoas de acordo com a etnia. As razões residem no preconceito cultural e no discurso sobre cultura ‘limpa’ no período de formação dos novos Estados e da devastação da ex-Iugoslávia. Utilizamos então este centro para ‘descontaminar’ a cultura. Lógico, é um nome muito pretensioso, mas com este nome queríamos dizer algo sobre os objetivos que tínhamos em mente e sobre o campo no qual queríamos atuar. Usamos este nome também para criar polêmica e levar as pessoas a se perguntarem: ‘O que é isso?’ e dar início a um diálogo sobre o que estava acontecendo.

Pergunta: A senhora poderia descrever o cenário político e o clima que havia na sociedade na época em que o centro foi fundado?

Resposta: Não é fácil de descrever, muitas pessoas escreveram sobre isso e esta atmosfera. Mas quando analisamos a televisão e os principais jornais da época, podemos perceber um discurso em que todos são culpados e só você é inocente, às vezes dizendo que a guerra acontece por razões territoriais, outras dizendo que os motivos são históricos e em seguida que as razões são políticas ou religiosas. Além de tudo isso, também havia a privatização das propriedades que antes eram do Estado. Naquela época ainda não sabíamos, mas hoje já sabemos que, na verdade, tratava-se de uma ‘expropriação’ em nome da nova classe que cresceu com as guerras, o que vem acontecendo depois da intervenção da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), em 1999. Quero dizer, toda essa velha história sobre o sentido religioso, sobre as mesquitas que foram destruídas, como posso falar sobre isso? Era uma época em que as pessoas estavam sofrendo muito. A cerca de 100 quilômetros de Belgrado as pessoas já disparavam armas e aqui havia essa propaganda atuando na maneira de pensar, afirmando que tudo aquilo era justo e que se estava fazendo a guerra por boas razões, que eram históricas. Era uma época muito difícil. Quando nós do Centro entramos neste local, ele estava praticamente em ruínas, mas achamos que era melhor ficar aqui, porque isto nos aproximava das pessoas que estavam sofrendo tanto em Sarajevo, na Bósnia, e também aqui, pois naquela época estávamos sob sanções internacionais e a vida era muito complicada. Era um período difícil em todos os sentidos. Toda época de guerra leva a essa homogeneização do pensamento e quando uma sociedade é homogênea, aqueles que não pensam da mesma maneira não têm muita chance.

Pergunta: Quando o centro foi criado era possível trabalhar com liberdade ou havia uma repressão constante?

Resposta: O que era repressivo era o que estava acontecendo, mas naturalmente não era bom ouvir que você era um traidor, que está fazendo alguma coisa contra o seu povo. Havia vários artigos contra nós, éramos atacados, mas ao mesmo tempo, estava postura crítica nos colocava numa posição para criar valores. Era um grande prazer porque este lugar se tornou um centro de articulação, de afirmação de muitas pessoas do mundo da cultura, porque nós oferecíamos a possibilidade para que elas se expressassem e trabalhassem. Era uma época em que muitos profissionais da cultura foram demitidos das instituições estatais em que trabalhavam, e eram pessoas criativas e inteligentes, pois, em geral, aqueles que não obedecem são inteligentes. Esta questão de 'lealdade nacional' atinge muitas pessoas nas ruas que estão desempregadas, aquele era o momento justo, intuitivamente, para fundar um local que funcionasse como um centro aglutinador para as pessoas que tinham algo para dizer e não dispunham de outra oportunidade.

Pergunta: Naquela época vocês eram uma alternativa ao cenário cultural. E hoje?

Resposta: Hoje ainda somos alternativos, mas de uma maneira diferente. Acredito que, em qualquer circunstância, a cultura deva ser crítica, o que não significa ser sempre alternativa. Mas o nosso trabalho consiste em sermos críticos em relação às circunstâncias, há um problema com a cultura que exerce a apologia. Estamos tentando fazer, de algum modo, a ligação entre o que houve na história e a consciência de hoje. Temos um pouco de financiamento do governo, mas a prefeitura de Belgrado não reconheceu instituições como a nossa como parte da sociedade. Acho que isto seria bom para a vida democrática. A prefeitura não nos enxerga como parceiros e acredito que seja uma pena para eles, uma vez que estamos num período de transição. A maior parte do nosso financiamento vem de organismos internacionais e de algumas embaixadas acreditadas em Belgrado.

Pergunta: Qual foi a peça mais importante produzida pelo CDC?

Resposta: Produzimos sempre com base no que está acontecendo ao nosso redor, também somos um centro criativo. Pode acontecer que apresentemos uma peça de alguém de fora, mas normalmente são nossas próprias criações. A nossa última apresentação foi a peça Pornografia e tem a ver com o que estamos falando e com a liberdade, é a nossa maneira de ver o que está acontecendo no país. Em 2000 produzimos Moderna, que foi uma forma de dizer que as raízes culturais dessa região são comuns, mostrando que a arquitetura de Belgrado é variada, com diferentes tipos de influências. Nesta área temos duas tendências culturais, uma pró-eslava, mais próxima à Rússia, e outra mais voltada para o Ocidente. Este é o destino desta região. Durante o período de Milosevic houve a promoção da cultura nacionalista, das raízes nacionalistas. Mas as coisas não funcionam assim, a nossa população estudou no exterior entre as duas grandes guerras, o período socialista trouxe a modernidade, todos tinham realmente direito à educação, também havia coisas boas naquela época.

Pergunta: A senhora poderia contar sobre o seu trabalho na cena teatral, antes dos conflitos na ex-Iugoslávia?

Resposta: No início das guerras na antiga Iugoslávia, em 1991, eu era a diretora artística do Teatro Dramático de Belgrado. Fundamos então o Círculo de Belgrado, uma organização de intelectuais independentes que existe até hoje e que se posicionou contra o populismo e a guerra. Meu trabalho no teatro era bem sucedido, mas as pessoas que não eram de etnia sérvia começaram a ser atacadas e isso era algo que eu não podia agüentar. Então comecei a denunciar isso e a culpar o regime e as instituições culturais, porque as cartas que os não sérvios receberam e os ataques contra eles eram coisas terríveis. Pedi demissão em 1993, porque o cargo de diretora artística é importante e eu não concordava com o que estava acontecendo. Os intelectuais independentes e que se posicionavam

contra o regime estavam reunidos no Círculo de Belgrado, tínhamos os nossos debates e reuniões, e publicamos um dos mais importantes livros, chamado A Segunda Sérvia, sobre a ‘outra’ Sérvia que também existia, além daquela de Milosevic. Criamos este termo, e então, no ano 2000, esta ‘outra’ Sérvia proclamou que veio à tona, mas com a nossa ausência.

Pergunta: O Centro de Descontaminação Cultural desenvolve atividades para o público infantil?

Resposta: Temos um projeto que se chama Escola dos Valores Humanos, dirigido para adolescentes. Trabalhamos durante anos em parceria com professores do ensino médio de Belgrado. Organizamos escolas para discutirmos esses temas da forma que os professores consideravam estar ausente das escolas. Estamos agora elaborando um novo projeto. Somos um centro produtor de eventos, peças teatrais, oficinas de arte, não somos um escritório. Também pensamos em organizar cursos de roteiro cinematográfico e de formação para dramaturgos.

Pergunta: A senhora acredita que o trabalho educacional seja um campo em que o Centro possa desempenhar um papel importante na sociedade?

Resposta: Sim, acredito. Mas qualquer tipo de produção artística, seja de jovens ou não, é um problema substancial deste país. Se você caminhar pelas ruas de Belgrado, verá muitos restaurantes e lojas, mas a sociedade vive do tráfico, um elemento presente nos países em transição. Mas esta sociedade não está investindo e não está contando com as pessoas produtivas. Nosso papel é apoiar a produção de livros, de sapatos, de qualquer coisa que não seja o tráfico – que inclui desde ternos estrangeiros até seres humanos. Gostaria muito que os sérvios produzissem cogumelos, ao invés de passarem horas bebendo café e fumando nos bares.

Pergunta: O Centro mantém boas relações com instituições dos outros países da antiga Iugoslávia?

Resposta: Temos ótimas relações e durante todo o período dos conflitos, muita gente vinha aqui, principalmente os que se opunham às políticas fascistas de seus governantes ou à política de limpeza étnica promovida por Milosevic. Tínhamos muitas atividades. Na verdade, este lugar foi formado com a idéia de que deveria ser uma opção para as pessoas, um local em que elas gostassem de vir. Depois das guerras, as instituições nos outros países da ex-Iugoslávia também estão promovendo esta aproximação. Isto tem a ver com reconciliação. Gostaria de citar um amigo de Zagreb: ‘Primeiro é importante ter consciência da verdade; depois deveríamos nos reconciliar.’

Pergunta: A emigração de artistas sérvios durante os anos 1990 foi grande? O país sente esta carência de recursos humanos?

Resposta: Quase 1 milhão de pessoas com boa formação educacional, que podiam fazer a vida em outro país, deixaram a Sérvia nos anos 1990. Muitos homens fugiram do Exército para não ir para a guerra. Muitos professores universitários escolheram a via da emigração, principalmente os assistentes. Eles faziam parte da geração mais jovem, porque os salários eram muito baixos e a forma de trabalho era uma exploração. Cerca de 600 mil pessoas da antiga Iugoslávia vieram para a Sérvia, fugindo dos conflitos. O país sente ainda hoje esta emigração de cérebros.

Descrição:

Entrevistas com intelectuais sérvios sobre o período Milosevic, as guerras dos anos 1990, a possível reconciliação entre os povos da antiga Iugoslávia, o nacionalismo, os criminosos de guerra, a Justiça de transição no período do pós-guerra.